

**REPRESENTAÇÕES DA SALA DE AULA: UMA REFLEXÃO
ATRAVÉS DO TEMPO**

Cristina, MAYUMI
Eliane Maria Diniz, CAMPOS
Gislaine Cristina de, OLIVEIRA
(Orientadora): : Profa. Dra. Carmen Zink

*“(...) a sociedade já atingiu a perfeição. Para que mudar ?
É só adicionar a essa maravilha as outras trazidas pela tecnologia.
“(...) O século XX era visto como o século do progresso sem limite.
(...) presença de pessoas de seu presente em condições
futuristas”(Exploradores do Futuro,2005,p.23)*

RESUMO: Este trabalho pretende se apresentar como uma fonte de estudo a respeito das condições de produção na gravura de Jean Marc-Cotê: “EN L’AN 2000” e também como uma maneira de estabelecer uma comparação problematizadora com outras duas representações de sala de aula: o filme “The Wall”, de Pink Floyd e uma experiência de estágio na sala de aula de uma escola pública.

Palavras-Chaves: ensino; representação; comparação; sala de aula e condição de produção.

No caso da figura do ilustrador Jean- Marc Cotê apresentada¹, trata-se de uma encomenda por parte de uma empresa de brinquedos para que o ilustrador produza imagens do mundo no ano 2000. Essas imagens encomendadas eram destinadas aos rótulos das caixas de brinquedos. O ano de produção da ilustração é de 1889, tempo de efervescência da Revolução Industrial já em grande avanço na Inglaterra e com forte impacto nos demais países da Europa, inclusive na França.

Por este motivo, baseando-se na definição de Eni P. Orlandi: “podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as consideramos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico.”(Orlandi, 2005). Sendo assim, é esperada a visão que o autor expõe nesta gravura: visão de defesa de um ensino que mantenha a metodologia

¹Scientific American, Exploradores do Futuro,2005,p.23

daquela época e seja apenas acrescido de tecnologia. Nos parece ‘natural’, no sentido defendido por Orlandi: “há uma relação entre o já-dito e o que se está dizendo que é a que existe entre o interdiscurso e o intradiscurso ou, em outras palavras, entre a constituição do sentido e sua formulação.”(Orlandi,2005)

Jean-Marc Cotê reflete as idéias do seu tempo: cria uma sala de aula futurística onde se mantêm as relações hierárquicas já cristalizadas, e por isso as pessoas com ‘direito’ ao acesso e permanência na escola são as mesmas do seu tempo - 1889 - mesma faixa-etária, etnia, classe social. Não há crítica no que se refere às relações humanas e sociais já estabelecidas. Além disso, o meio de divulgação utilizado – rótulos de caixas de brinquedo – indica o público alvo que se busca nesta ilustração. Por conseguinte, indica a visão de futuro que é recomendada para este público, infanto-juvenil, buscar.

A segunda representação de sala de aula a ser discutida é a do filme: “The Wall”, em que Pink Floyd faz a crítica de uma visão de sala de aula com professores extremamente rígidos e opressores. Neste caso, o aluno que produz uma poesia e se permite trabalhar com a imaginação, é extremamente ridicularizado e autoritariamente reprimido. No fim da cena apresentada, os alunos se revoltam colocando os professores numa máquina de carne moída e triturando-os. É interessante notar como o professor é também oprimido pela sua esposa (ou mãe) e reproduz em sala de aula essa relação que o construiu.

Finalmente, a outra representação da sala de aula remete a uma situação vivenciada por uma colega de estágio (atuação em escola pública), que propôs como atividade a uma 6ª e 7ª séries, a encenação espontânea do *papel do professor em sala de aula*. De acordo com seu depoimento, os adolescentes da 7ª tiveram pouca recepção para a atividade, mas mesmo assim, uma menina foi à frente da turma e mostrou uma professora que chegava e já se dirigia ao quadro para passar conteúdo e que era extremamente brava, dizendo que “com qualquer “píu” ela colocaria para fora”.

Na 6ª série foi um pouco diferente. A sala se envolveu mais com a atividade e muitos alunos foram à frente encenar. Na maioria das cenas estava representado o professor ‘gritando’ e ‘pedindo’ silêncio, dizendo: “cala a boca”. Nas mesmas cenas os alunos foram representados como “bagunceiros”, e a representante de sala chamava a coordenadora e esta expulsava os alunos da sala.

Diante disso, quase 120 anos depois da produção do rótulo de Jean-Marc Cotê o professor (ou a representação do espaço escolar, em geral) é associado, de certa forma, com o autoritarismo. Persiste a imagem daquele que trabalha com o conhecimento, de um modo a quase ‘despejar’ o conteúdo na cabeça dos alunos (que são vazios!).

Na visão de Cotê, esta forma de trabalho com educação na escola não é um elemento a ser criticado e nem mesmo é um elemento que ele imaginou ou

criou. Essa *é* realmente a educação de seu tempo, *é* assim que ela funciona, com os professores transmitindo através da fala e da escrita no quadro o conhecimento aos seus alunos. O que ele anunciou para o ano 2000 foi o simples incremento de tecnologia a essa cena. E nesse momento, a tecnologia e a ciência muitas vezes apareciam como redentoras.

É por isso que não estava prevista, por Cote, uma mudança dessas relações – entre professor e aluno – ele acreditava que elas eram estáveis. E mesmo hoje temos dificuldades em aceitar uma forma diferente de relação de ensino-aprendizagem sem pensar que a autoridade do professor estará sendo ameaçada.

Na cena do Pink Floyd, essa relação “autoritária” é novamente apresentada, mas dessa vez podemos entender como crítica por parte dos autores. O álbum é de 1979 e o filme data de 1982 (antes da queda do “Muro de Berlim”). Nesta história, o protagonista constrói, ao longo da vida, um muro em torno de si e o processo que vivencia na escola (assim como a mãe super-protetora, a mulher que o trai e a morte do pai) contribui com mais um tijolo para esse muro. Através dessa metáfora utilizada por “The Wall” podemos mais facilmente compreender processos inconscientes que interfere nas relações humanas.

Já no caso “real” e recente aqui apresentado, temos a reprodução dos estudantes da sua realidade escolar, da imagem que eles têm de seus professores. Talvez não de uma forma crítica e com clareza dos elementos que criticam e, provavelmente, a própria resistência dos alunos em participarem da atividade (na sétima série) pode estar relacionada à repressão que podem sofrer após “imitarem” professores.

Como foi estudado em sala de aula² e daquilo que pudemos apreender de uma leitura inicial dos textos de Eni Orlandi, o sujeito é constituído por uma linguagem que não é transparente. Uma vez estabelecido que o inconsciente é constituído por uma linguagem e que essa não tem sentido único, podemos dizer que os discursos produzidos pelos sujeitos são ideológicos, concebidos pela mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social que o cerca. Tendo o homem, assim, capacidade de significar e significar-se.

Segundo Orlandi, “não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos”. Já que a linguagem é um conjunto simbólico comprometido com os sentidos e com o político não podemos assumir uma relação ingênua com ela; precisamos nos colocar sempre em reflexão a respeito também do sujeito, sua história e ideologia para chegarmos talvez em uma compreensão maior dos processos que ela envolve.

Em sala de aula, na posição-sujeito “professor” é de extrema importância que tenhamos alguma clareza de que somos (professor e aluno) mobilizados por um aparato ideológico e que deve ser próprio da prática do professor possibilitar

² LA706 e LA707 – Ensino de Segunda Língua

a seus alunos “deslocamentos”. Por isso, os três exemplos que utilizamos nos alertam para uma atitude hegemônica nas relações de ensino e aprendizagem, que não considera os alunos como sujeitos. E para que possamos escapar dessa atitude e construir um novo percurso, em busca de relações mais humanizadoras, é preciso conhecer bem os aparatos teórico-ideológicos envolvidos nestas concepções de educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALTHUSSER, L. (1985) *Aparelhos ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro:Edições Graal,
NAVES, M. B. (2000) *Marx ciência e revolução*. São Paulo: Moderna.
Campinas:Editora da Unicamp.
ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. (1999). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 2. ed. Campinas: Pontes, v. 1.